

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

CAPÍTULO 2..... 16

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

CAPÍTULO 3..... 28

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

CAPÍTULO 4..... 41

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa

Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

CAPÍTULO 5..... 56

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS

Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

CAPÍTULO 6..... 67

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>

CAPÍTULO 7..... 84

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto

Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

CAPÍTULO 8..... 105

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

CAPÍTULO 9..... 110

ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

CAPÍTULO 10..... 126

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

CAPÍTULO 11..... 139

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva

João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

CAPÍTULO 12..... 149

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

CAPÍTULO 13..... 159

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

CAPÍTULO 14.....	168
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214	
CAPÍTULO 15.....	181
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215	
CAPÍTULO 16.....	192
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216	
CAPÍTULO 17.....	211
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217	
CAPÍTULO 18.....	223
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	236
ÍNDICE REMISSIVO.....	237

CAPÍTULO 3

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Data de aceite: 01/02/2022

Pedro Robertt

Universidade Federal de Pelotas, Instituto de
Filosofia, Sociologia e Política
Pelotas
<http://lattes.cnpq.br/9769937833285092>

RESUMEN: El artículo que presentamos, aquí, apunta a mostrar el trayecto intelectual, en términos epistemológicos, de Pierre Bourdieu. Partimos de “El oficio del sociólogo”, publicado originalmente en 1968, y escrito por tres autores (Bourdieu, Passeron e Chamboredon), y detectamos que algunos de los principales fundamentos fueron alterados, por Bourdieu, a lo largo del tiempo. Tratamos de mostrar, a lo largo de este artículo, que Bourdieu pasó de una sociología que epistemológicamente se basaba en el análisis de los otros a otra fundamentada en el autoanálisis del científico social, o en otras palabras de una sociología opuesta al conocimiento del sentido común y a la denominada sociología espontánea para una reflexividad sociológica. Esta última se afirma en los años noventa, del siglo pasado, siendo una profundización de una perspectiva que ya antes comenzaba a centrarse en una sociología de los sociólogos. La reflexividad gana nuevos contornos al colocarse, además, como un ejercicio colectivo y con una proximidad, antes que una oposición, con el sentido común. En las reflexiones finales, llamamos la atención para el hecho que el camino hacia la reflexividad supone

una cierta sensibilidad sociológica que también se expresa, a partir de los años noventa, en un posicionamiento social más visible de Bourdieu, a favor de los sectores dominados.

PALABRAS CLAVE: Bourdieu, sociología, epistemología, sentido común, reflexividad.

EPISTEMOLOGICAL PATHS IN THE WORK OF PIERRE BOURDIEU: SCIENTISM, REFLEXIVITY AND COMMON SENSE

ABSTRACT: The article we present here aims to show the intellectual trajectory, in epistemological terms, of Pierre Bourdieu. We start from “The sociologist’s craft”, originally published in 1968, and written by three authors (Bourdieu, Passeron and Chamboredon), and detect that some of the main foundations were altered by Bourdieu over time. We try to show, throughout this article, that Bourdieu moved from a sociology epistemologically based on the analysis of others to one based on the self-analysis of the social scientist, or in other words from a sociology opposed to the knowledge of common sense and the so-called spontaneous sociology to a sociological reflexivity. The latter asserts itself in the 1990s, a deepening of a perspective that was already beginning to focus on a sociology of sociologists. Reflexivity gains new contours by positioning itself, moreover, as a collective exercise and with a proximity, rather than an opposition, to common sense. In the final reflections, we draw attention to the fact that the path towards reflexivity presupposes a certain sociological sensibility which is also expressed,

from the 1990s onwards, in a more visible social positioning of Bourdieu, in favor of the dominated sectors.

KEYWORDS: Bourdieu, sociology, epistemology, common sense, reflexivity.

1 | INTRODUCCIÓN

Muchas veces en las ciencias sociales se tiende a sacralizar el pensamiento de los autores sin advertir que una producción intelectual es resultado de una trayectoria. La obra suele quedar inscripta en una narrativa en la cual el pensamiento de un autor parece no haber tenido alteraciones, y los conceptos suelen ser vistos como parte de un sistema lógico, coherente e incambiable, a través del tiempo. De hecho, a lo largo de una producción intelectual hay cambios en el recorrido que dependen de los desafíos históricos, teóricos, metodológicos y de investigación que son transitados por los autores.

El artículo que presentamos, aquí, apunta a mostrar un trayecto intelectual en la cual los supuestos epistemológicos van cambiando. En ese sentido, partimos de “El oficio del sociólogo”, publicado originalmente en 1968, en el cual se detecta que algunos de sus principales pilares no se sustentan a lo largo del tiempo. Paulatinamente, creemos que conseguimos mostrar a lo largo de este artículo, que Bourdieu pasó de una sociología que epistemológicamente se basaba en el análisis de los otros a otra fundamentada en el análisis del científico social. La primera propuesta permea “El oficio” (como llamaremos a la obra de referencia, de aquí en adelante), escrita en coautoría, y discutida en la sección inicial. En una segunda sección, observamos como el capítulo final de esa obra, escrita a varias manos, ya muestra una inflexión cuando la vigilancia epistemológica apunta para el etnocentrismo de clase y el intelectual o profesional. Ya en la tercera, ingresamos en el argumento central de nuestra exposición, si en los años setenta y ochenta del siglo pasado se va afirmando una sociología de los sociólogos, en los noventa el concepto de reflexividad gana terreno y se impone en la discusión del autor. En la cuarta sección, acompañamos la idea de la reflexividad como un ejercicio colectivo antes que individual y observamos la proximidad mayor con el sentido común, tan subestimado en “El oficio”. Nuestras reflexiones finales, reafirman el camino transitado hacia una reflexividad que pasa a cuestionar más al propio sociólogo que al sentido común y establecen, a modo de apertura argumentativa, un paralelismo entre la discusión sobre científicismo vs. reflexividad y el posicionamiento social más visible de Bourdieu, a partir de los años noventa, pues a nuestro modo de ver, ambos tienden a responder a una misma sensibilidad sociológica.

2 | LA PROPUESTA EPISTEMOLÓGICA DE “EL OFICIO DEL SOCIÓLOGO”

El argumento inicial de este artículo es que la divulgación extensa en los cursos de ciencias sociales de “El oficio”, escrita por Bourdieu, Passeron y Chamboredón, condicionó la comprensión sobre el alcance conceptual e histórico de la propuesta de producción

de conocimiento científico social inscrita en el libro. Siendo una obra resultado de un proyecto específico que buscaba tomar un posicionamiento, dentro del contexto científico francés, sobre las condiciones de producción de conocimiento sociológico, datada en mitad de la década de 1960, pasó a ser comprendida, en muchos casos, como un manual epistemológico y metodológico, a-histórico y hermético. En ese sentido, se trataría de una de esas situaciones en que nuestras prácticas pedagógicas tienden a una perpetuación intelectual irreflexiva. De ese modo, argumentamos que los supuestos epistemológicos defendidos por los autores, en “El oficio”, han sido substancializados, esto es, se han tomado como invariables a lo largo del tiempo.

Es preciso recordar cuál era el proyecto intelectual de la obra que estamos comentando. De hecho, se trata de una sección de epistemología de las ciencias humanas, como parte de una obra sociológica mayor, pues el proyecto original suponía la producción de tres tomos que nunca llegaron a concretizarse. Publicada en 1968 tenía como objetivo la elaboración de dos tomos subsecuentes, dedicados respectivamente a la construcción del objeto sociológico y a los pormenores técnicos de la investigación, dando prosequimiento al primer tomo de corte más epistemológico. De acuerdo con el segundo prefacio, escrito en 1972, el riesgo de una nueva canonización sociológica llevo a los autores, o por lo menos a Bourdieu, a desistir de la propuesta inicial (Bourdieu, Passeron y Chamboredón, 2007).

El propósito de “El oficio” implicaba cuestionar la epistemología neopositivista llevada adelante, principalmente, por el sociólogo Paul Lazarsfeld (con repercusiones en el contexto intelectual francés); y, por otro, confrontar lo que Bourdieu llamaba un “error teorístico”, representado por los autores de la Escuela de Frankfurt y por Lucien Goldmann. Según Bourdieu:

Contra esas dos orientaciones se trataba de hacer una sociología empírica fundada teóricamente, una sociología que puede tener intenciones críticas (como toda ciencia), pero que se debe realizar empíricamente (Bourdieu, 2014a, p. 40).

Interesa destacar que Wrigth Mills (1982) también llamaba la atención, no final da década de 1950, sobre una gran división en el contexto intelectual norteamericano entre lo que denominaba el empirismo abstracto, representado por Lazarsfeld, y la gran teoría, cuyo gran exponente era Talcott Parsons.

Si nos detenemos en el “El oficio”, podemos rescatar algunas ideas centrales. En primer lugar, está toda la cuestión de la denominada sociología espontánea. Hay una preocupación de los autores por establecer la diferencia entre el conocimiento sociológico y el conocimiento del sentido común. Para poder diferenciar los dos tipos de conocimiento, la idea era trabajar con técnicas de ruptura que permitieran al sociólogo se alejar del último. Está aquí presente la influencia durkheiminana de la necesidad del sociólogo de alejarse de las prenociones. Crítica estadística, crítica lógica y lexicológica (al lenguaje corriente como, por ejemplo, el concepto de suicidio para Durkheim) son los tres tipos de técnicas de

ruptura enumerados. A su vez, los autores remiten a dos principios que permiten reconstruir los objetos sociológicos: el principio de no consciencia y el de sistema de relaciones. Esos principios estaban asentados en los autores clásicos, en Durkheim por la preeminencia de los hechos sociales; en Marx por las relaciones objetivas con independencia de los individuos; y en Weber por la existencia de un sentido cultural más allá de las acciones de los sujetos.

En segundo lugar, siguiendo la tradición filosófica francesa (Bachelard, Canguilhem, Koyré), los autores de “El oficio” otorgaron una singularidad heurística a la teoría en relación a la experiencia. En ese sentido, cabe recordar la direccionalidad atribuida, con Bachelard, al vector epistemológico que iría de lo racional a lo real, de la teoría a los datos. Citando a Saussure “el punto de vista (...) crea el objeto” (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 2007, p. 45¹). No hay un equilibrio entre dos polos, pues la teoría predomina. Y citando a Bachelard “el vector epistemológico (...) va de lo racional a lo real y no, inversamente de la realidad a lo general” (Bourdieu et al, 2007, p. 48). De acuerdo con esa perspectiva epistemológica, el imperativo científico del sometimiento a los hechos lleva a la renuncia pura y simple a los datos (Bourdieu et al, 2007, p. 50). En la batalla contra el hiperempirismo, los autores van a argumentar que:

(...) solamente una teoría científica puede oponer a las sollicitaciones de la sociología espontánea y a las falsas sistematizaciones de la ideología, por un lado, la resistencia organizada de un elenco sistemático de conceptos y relaciones definidas tanto por la coherencia de lo que excluye, como por la coherencia de lo que establece (Bourdieu et al, 2007, p. 80).

En tercer lugar, cumple indicar todo lo que Bourdieu, Passeron y Chamboredon llaman el acto epistemológico, que es ruptura, construcción y refutación. Si miramos más atentamente notaremos que parte de la discusión de “El oficio” estaba también presente, en la misma época, en el área de filosofía de la ciencia, con autores como Popper, Khun, Lakatos y Feyerabend. Bourdieu reconocerá, años más tarde de escrita la obra que tenemos como referencia inicial, que no le era ajena la propuesta khuniana, en especial, la idea de paradigmas dominantes en la ciencia. La versión original, en inglés, de “La estructura de las revoluciones científicas”, es de 1962. Mismo que Khun no sea citado en “El oficio”, parece ser un autor que ronda la obra. De hecho, Bourdieu (2008c) citará Khun en sus cursos, aunque particularmente para relacionar la discusión de ciencia normal y de revoluciones científicas con la teoría de los campos.

Es interesante observar que había una intención de huir de un predicado positivista que sostenía el primado de los datos sobre la teoría. Ivan Domingues (2004, p. 172) afirma, justamente, que una de las características del positivismo es “procurar aproximarse a los fenómenos tal cual ellos se ofrecen a la observación y a la experiencia y tomarlos como hechos o datos de la experiencia, sin apoyarse en ninguna idea preconcebida”.

¹ Las citaciones traducidas de las obras en portugués fueron realizadas, libremente, por el autor.

Sin embargo, parece que nuestros autores acabaron cayendo, al mismo tiempo, en una trampa que es la de separar radicalmente el conocimiento del “sabio” y del “vulgo”. Es esa cara positivista que encontramos en Durkheim, particularmente en “Las reglas del método sociológico”, de la cual Bourdieu y compañía se mostraban herederos.

3 I EL CAPÍTULO FINAL DE “EL OFICIO DEL SOCIÓLOGO”

El capítulo final de “El oficio” muestra, a nuestro entender, una novedad en relación a la parte primera de la obra. “Sociología del conocimiento y epistemología” es un texto breve, de cierre de la obra, en que los autores avanzan en dirección a lo que décadas después Bourdieu denominará de “reflexividad sociológica”, al exponer que la vigilancia epistemológica implica luchar contra el etnocentrismo de clase y contra el etnocentrismo intelectual o profesional (Bourdieu et al, 2007, p. 92). Aquí los autores salen de la crítica a un sentido común, genuino o derivado, para cuestionar sus propios condicionamientos como sociólogos. Dicho de otro modo, la obra como un todo está dirigida a cuestionar el sentido común (los no sociólogos), y especialmente los sociólogos que hacen de la disciplina una reproducción del sentido común. Incomodaba a nuestros autores una postura intelectual que decía diferenciarse del conocimiento común, pero que en realidad lo reproducía por medio de un discurso academicista, esto es, la sociología espontánea. Sea como fuere, la vigilancia epistemológica tendía a ser, inicialmente, más con los otros que con el sujeto de conocimiento.

Así, comienza a detectarse un cambio, en nuestra percepción, en el capítulo de cierre, pues se pasa a hablar que la habilidad para la vigilancia epistemológica del sociólogo supone una explicitación de sus operaciones científicas y de los presupuestos que están por tras de estas. Se pasa entonces de la crítica sobre un sujeto irreflexivo o de un sujeto que repite de forma erudita al sentido común (en una operación de lenguaje substitutiva) a una crítica al propio sujeto de conocimiento.

Es de destacar que Bourdieu había desarrollado investigaciones etnográficas, en el pasaje de la década del cincuenta para la del sesenta. Por ese motivo, difícilmente podría adoptar un cientificismo puro que sólo se detuviese en los “defectos” del sentido común. Ya había lugar allí para una postura autocrítica, que mirase para todo aquello que está implicado en la producción de conocimiento del sociólogo. De hecho, lo reconocería años más tarde:

Es quizás la primera cosa que descubrí cuando realicé mi trabajo etnológico: hay cosas que no se comprenden más que si se toma por objeto la mirada misma del científico. El hecho de no conocerse a sí mismo en tanto que científico, de no saber todo lo que está implicado en la situación de observador, de analista, es generador de errores (Bourdieu, 2014a, p. 44).

El último capítulo de “El oficio” representaba, en un momento temprano, una expresión de humildad científica, aunque el recelo con el sentido común aún estaría

presente unas dos décadas después². Avanzada la década del ochenta, del siglo pasado, Bourdieu afirmaba:

(...) está el sentido común, del que hay que desconfiar porque los agentes sociales no tienen la ciencia infusa, como decimos en francés. Uno de los obstáculos al conocimiento científico -yo creo que Durkheim tuvo mucha razón al decirlo - es esa ilusión del conocimiento inmediato (Bourdieu, 2014a, p. 44).

Esto, reconoce Bourdieu, puede llevar a una ilusión científicista. De todos modos, también, cerca de veinte años después, el sociólogo francés sostiene una relación más horizontal con lo que llama ahora el hombre de la calle: “El sociólogo es aquel que va por la calle e interroga al primero que pasa. que lo escucha y aprende de él” (Bourdieu, 2014b, pp. 61-62). Y al mismo tiempo nos dice: “La sociología es una ciencia muy difícil. Se navega todo el tiempo entre dos peligros [humanismo vs teoricismo]: cuando se evita uno se arriesga caer en el otro” (Bourdieu, 2014a, p. 46).

En el próximo apartado abandonamos los compañeros de primer viaje epistemológico de Bourdieu, para seguir el trayecto intelectual de este último. A nuestro ver, existe un cambio epistemológico pronunciado que llegó a esbozarse tempranamente en el capítulo final de “El oficio”. La contraposición conceptual se altera, pues ya no se trata de oponer sociología científica al conocimiento cotidiano o a una sociología espontánea. Nuestro autor llega a hablar de humanismo vs teoricismo, sin embargo no nos parece que sea esa la oposición principal que emerge. Esta puede caracterizarse por otros dos nuevos polos: científicismo vs reflexividad. Esta discusión será abordada enseguida, al tratar de la entrada de este concepto en su obra.

4 | DESDE LA SOCIOLOGÍA DE LOS SOCIÓLOGOS A LA REFLEXIVIDAD Y SUS TIPOS

El concepto de reflexividad fue ganando terreno, en la obra de Bourdieu, a partir de los años 1990, pasando a estar, de acuerdo con Gingras (2007), en el centro de la misma. Como bien nos informa, este último autor, el concepto propiamente de reflexividad no estaba presente en las primeras obras de Bourdieu. Wacquant (2008) es aún más enfático, afirmando que ese concepto llega a ser una obsesión del gran sociólogo francés. Wacquant siguió de cerca esta búsqueda conceptual de Bourdieu. Cabe recordar que este último realizó un seminario sobre sociología y reflexividad en la Universidad de Chicago en 1988, organizado por el primero.

Las primeras discusiones epistemológicas de Bourdieu junto con Passeron y Chamboredon, con fuerte influencia bachelardiana, llamaban la atención sobre las ideas de ruptura epistemológica, de vigilancia epistemológica y de sociología espontánea y

² Em la obra que estamos citando ahora no aparece la fecha. Se trata de una entrevista realizada por Beate Kraus a Bourdieu para la edición alemana de “El oficio”, pero no consta la data del original. Como en la entrevista, Bourdieu habla de “Homo academicus” publicado, originalmente, en 1984, estimamos que la entrevista sea de 1985 o algunos años después.

científica, como vimos hasta ahora; y no para el carácter reflexivo de la sociología. Los autores estaban más preocupados por el conocimiento del sentido común, o cuando este se disfraza de sociología, que con un autoexamen reflexivo. A su vez, podemos encontrar en trabajos y conferencias, principalmente a partir de los años setenta y ochenta del siglo pasado, la aparición de expresiones que muestran la importancia de la reflexividad, pero que aún no adquieren esa denominación. De hecho, en el libro “Cuestiones de sociología” (Bourdieu, 2008a), que reúne textos breves, encontramos una conferencia de Bourdieu que se llama “Por una sociología de los sociólogos”, donde esta discusión comienza a esbozarse. Gingras encuentra, justamente, en ese momento, varias formulaciones que apuntan a una sociología de la sociología, que estaba en el centro de las preocupaciones de Bourdieu :

(...) el carácter reflexivo de su obra se refleja en el uso de formulaciones que sugieren explícitamente una forma de circularidad: sociología de la sociología, sociologías de mitologías y mitologías de sociólogos, quienes han creado a los creadores, sociólogos de la creencia y creencia de sociólogos, etc (Gingras, 2007, p. 239-240).

Otros autores habían utilizado el concepto de reflexividad, como es el caso de Garfinkel (2006) y de Giddens (2007, 2009). Sin embargo, se trataba de un uso de algún modo diferente. Estos reconocían, en realidad, el carácter reflexivo de la acción social. En realidad, podemos antever allí el reconocimiento de que los actores sociales también elaboran conocimiento o en lenguaje garfinkeliano utilizan determinados métodos para llevar adelante la acción social. Bourdieu fue paulatinamente, en nuestra lectura, llevando esa discusión para la reflexividad del sociólogo, teniendo como fuerte antecedente al sociólogo estadounidense Alvin Gouldner , que había dedicado el último capítulo de una de sus obras a lo que llamó “La vida de un sociólogo: hacia una sociología reflexiva” (Gouldner, 2001).

Una contribución importante en la perspectiva bourdesiana es la proposición de una tipología de la reflexividad sociológica. En diversos momentos de su obra, Bourdieu (2005, 2008b; 2008c) discute esa tipología. Para fines de este trabajo identificamos cuatro tipos de reflexividad. El primero refiere a las determinaciones del espacio social en el sentido amplio, es decir, a la posición y la trayectoria del sociólogo. Se pueden rastrear aquí variables sociales estructurales tales como clase y escolaridad. Siguiendo la tradición de la sociología del conocimiento, ello implica la necesidad de estar alerta para las condiciones sociales de producción del conocimiento sociológico vinculadas a la esfera social más amplia.

El segundo tipo de reflexividad está asociado a la posición que ocupa el sociólogo dentro del microcosmos académico. En este tipo, hay que considerar tanto las instituciones como las disciplinas que constituyen el campo académico. Hay intereses y lógicas propias en este campo más cercano al sociólogo que ejercen una influencia sobre el mismo.

Un tercer tipo refiere a la mirada crítica sobre nuestras categorías de conocimiento.

Se trata de la proyección que hacemos, inconscientemente, en el mundo, de las categorías teóricas (la mirada escolástica). Véase que la vigilancia epistemológica ya no está centrada en los demás, sino en nosotros mismos como científicos sociales.

Un cuarto tipo de reflexividad se remite a los presupuestos que se inscriben en los instrumentos de investigación, en las operaciones prácticas, en los métodos y en las problemáticas de investigación.

Cabe destacar que en las diversas obras consultadas, Bourdieu llama la atención para tres tipos de reflexividad. Mientras los primeros dos tipos se mantienen presentes, los dos últimos se entrelazan o son destacados unilateralmente. Aquí preferimos separarlos analíticamente, llegando a cuatro tipos, para diferenciar tanto la reflexividad que necesitamos tener, de acuerdo con la perspectiva bourdesiana, no solo con nuestros conceptos teóricos, sino también con todas nuestras operaciones prácticas de investigación. Separar analíticamente la reflexividad de los conceptos teóricos de aquella que refiere a las operaciones prácticas es reconocer una preocupación constante, de Bourdieu, por el examen crítico de todo el proceso de investigación. Al mismo tiempo permite observar la fuerte relación entre epistemología y metodología, sobre la cual nos advierte el sociólogo francés.

5 | REFLEXIVIDAD COLECTIVA Y PROXIMIDAD AL SENTIDO COMÚN

Otro aspecto sobre el cual avanza Bourdieu, y es necesario ser destacado, refiere a las posibilidades de la reflexividad sociológica. En ese sentido, la respuesta encontrada por este autor es que la reflexividad no es individual, pues solo puede ser colectiva. En otras palabras, solo puede ser resultado de un proceso colectivo de investigación. Lois Wacquant (2008), evaluando la propuesta de Bourdieu, nos habla de la creación de habitus científicos reflexivos y de instituciones reflexivas.

Además, tiene que ser destacado que hay en Bourdieu un ejercicio efectivo de la reflexividad sociológica. Eso puede verse por ejemplo en la obra “Homo Academicus”, donde llama la atención sobre las dificultades científicas de tomar como objeto de estudio un universo en el cuál él mismo estaba inserido. Dice, en las primeras páginas de esa obra:

Puesto delante del desafío que representa el estudio de un mundo al cual se está vinculado por todas las formas de apuestas específicas, inseparablemente intelectuales y ‘temporales’, solo se puede soñar primeramente con la fuga (Bourdieu, 2013, p. 26).

Comenzamos esta propuesta de discusión epistemológica trazando una cierta discontinuidad entre el Bourdieu de “El Oficio” y el de los años noventa en adelante (con algunos indicios de una sociología de los sociólogos que se comienza esbozar en los años setenta y ochenta). Nuestra hipótesis es que existe una tensión entre científicismo y reflexividad en Bourdieu. Su trayectoria académica está signada por un pasaje de

inquietaciones epistemológicas centradas en el objeto de estudio para reflexiones en torno al análisis del sujeto de conocimiento, aunque como pudimos ver desde el inicio aparece, en menor proporción un cuestionamiento al sociólogo y, a su vez, en el transcurso de su trayectoria, permanece su inquietud inicial por diferenciar el conocimiento sociológico de otros tipos de conocimiento.

En una especie de hibridismo, entre esas dos caras del mismo autor, Paugam (2015) confunde, en nuestra evaluación, reflexividad con científicismo, postulando que la primera consiste primeramente en cuestionar el sentido común abstractamente. En el capítulo final de un libro publicado, originalmente, en 2010 llamado “La reflexividad del sociólogo”, Paugam describe tres momentos de la reflexividad: la ruptura con el sentido común, el combate a (“domar”, llega a decir el autor) las prenociones, y la realización del trabajo de campo (aquí habla de los instrumentos de investigación). Sólo en el último caso, está de hecho más próximo de la reflexividad sociológica al modo entendido por Bourdieu. Todo indica que Paugam quedó aprisionado a la propuesta inicial de “El oficio”, sin darse cuenta que el concepto de reflexividad significaba una inflexión en relación a la obra inicial.

El primer Bourdieu es más científicista y el último es más reflexivo, pero la otra cara siempre coexiste en este autor. Hay una que predomina y otra que es subsidiaria, dependiendo el período que estemos considerando de su obra. Por eso pueden convivir juntos la sociología como cuestionamiento al sentido común y la sociología como escucha del hombre de la calle. Así, hay un cierto vaivén en nuestro autor entre el científicismo y el saber del sentido común. Tal vez ese vaivén sea lo que llevó a Paugam a invertir el sentido dado por Bourdieu al concepto de reflexividad, desconociendo que allí el foco de análisis estaba, antes de más nada, en el autoexamen sociológico.

En el capítulo intitolado “Comprender”, que integra la obra “La miseria del mundo”, Bourdieu (2012) cuestiona la relación entre el investigador y los sujetos estudiados. Allí la preocupación es evitar las distorsiones que la estructura social genera en la relación entre unos y otros. Si en “El oficio” parecía haber un “ataque” al sentido común, ahora, por el contrario, es el sentido común el que debe ser protegido de los ataques inconscientes del sociólogo. Dice Bourdieu (2012, p. 694):

Solo la reflexividad, que es sinónimo de método, más una reflexividad refleja, basada en un trabajo, en un ojo sociológico, permite percibir y controlar en el campo, en la propia conducción de la entrevista, los efectos de la estructura social en la cual ella se realiza”.

Dice en seguida, que se trata de “reducir al máximo la violencia simbólica (...) instaurar una relación de escucha activa y metódica” (p. 695). Más adelante, afirma:

La sociología (...) sabe que ella debe tener los medios de cuestionar primero en su propio cuestionamiento, todas las pre-construcciones, todos los presupuestos que existen tanto en el investigador como en el investigado, y que hacen con que la relación de investigación frecuentemente solo se instaure con base en un acuerdo de los inconscientes (p. 708).

Hay una idea de reconstrucción del sentido común. Aquí es donde se aproxima de una posición menos científicista. Cabe llamar la atención que se trata de la reconstrucción de dos puntos de vista. De ese modo, la reflexividad escolástica es la que permite cuestionar el punto de vista teórico, que ya no se constituye como algo que rompe con las prenociones como en la propuesta inicial de “El oficio”.

La pregunta que queda para el final de este apartado es el sentido de discutir sobre científicidad y reflexividad. La científicidad tiende a colocar el acento en controlar a los otros, la reflexividad en controlarnos a nosotros mismos. En el fondo, no se trata de hacer una contraposición de un Bourdieu contra otro Bourdieu. Se trata de observar cuán importante es considerar la sociología como ciencia y la reflexividad sociológica para construir una ciencia mejor, así como evitar cargar sobre un aspecto olvidándose del otro. Sin científicidad perdemos lo que nos hace sociólogos, construir una mirada no contraria pero sí diferente del sentido común, pues como ya sabemos - desde hace bastante tiempo - si la sociología reproduce el sentido común no necesitaríamos de una ciencia que estudie los hechos sociales. Sin reflexividad sociológica construimos un conocimiento que no repara en toda la carga histórica presente en nuestros condicionamientos sociales concretos, ni se detiene a pensar en cuál es la calidad científica de nuestros instrumentos de trabajo conceptuales y metodológicos. Bourdieu transitó de la científicidad para la reflexividad sociológica sin nunca olvidar la primera. Por eso, siempre nos deja un cierto colorido positivista, aún en los momentos más tardíos de su obra. A ello contraponía, la determinación de interrogarse sobre los supuestos que condicionan al sociólogo, así como sobre los pasos seguidos en cada uno de sus hallazgos, que además son necesariamente una obra colectiva antes que individual. En ese sentido, gana expresión una sociología que encuentre un equilibrio en mirar para “el hombre de la calle” de una manera no desconfiada, aunque siempre atenta, lo que no es sinónimo de una operación de vigilancia del sentido común.

6 | REFLEXIONES FINALES: REFLEXIVIDAD Y POSICIONAMIENTO SOCIAL DEL SOCIÓLOGO

El breve artículo que presentamos aquí trató de mostrar una transición en Pierre Bourdieu, en términos epistemológicos, desde “El oficio”, obra colectiva que data de mitad de los años sesenta del siglo pasado, hasta las obras producidas de los años noventa en adelante (con algunos antecedentes en la década del setenta y ochenta) cuando comienza a utilizar el concepto de reflexividad sociológica. Claro que un estudio más exhaustivo precisaría detenerse más en el conjunto de la obra para mostrar, de forma más fehaciente, la tesis que aquí defendemos.

El concepto de reflexividad juega un papel central en esa transición. Hay un pasaje, argumentamos, de un científicismo sociológico para una reflexividad sociológica, de acentuar una crítica al conocimiento elaborado por otros (sentido común o sociología espontánea)

al conocimiento fabricado por el sociólogo. Es cierto también que una sociología de la sociología ya estaba presente, con menor fuerza, en “El oficio”. Es lo que registramos en el último capítulo de esa obra. Sin embargo, es a partir de los años noventa que se constata un claro desplazamiento de esta inquietud sobre los otros a una por sí mismo. Son las condiciones de producción del sociólogo lo que le movilizan, aunque no siempre se abandone al sociólogo inquieto por la rigurosidad y singularidad del conocimiento científico delante de los otros tipos de conocimiento.

El propio Bourdieu ofrece una explicación para el cambio de perspectiva epistemológica, dependiente de las confrontaciones sociológicas de la época. Según sus propias reflexiones, en los años ochenta, en la época en que se escribió “El oficio” había que privilegiar la dimensión teórica delante del positivismo, y en los años setenta el dominio althusseriano hubiera hecho necesario reforzar el lado empírico (Bourdieu, 2014a, p. 47). Aunque la discusión que traemos aquí se relaciona más a científicismo vs reflexividad, la dicotomía observada por el autor entre polo teórico y polo empírico, permite comprender porque la obra epistemológica primeva privilegiaba el punto de vista sociológico sobre otros conocimientos, generando una diferencia, prácticamente insalvable, entre un conocimiento sabio y otro falso. Eso nos confirma, a su vez, lo que argumentamos en el inicio del artículo, en el sentido de que muchas veces una obra es tratada de forma acrítica e intemporal, aunque eso no significa que fue la intención original del autor o de los autores.

Cabe preguntarse, yendo para el final de este artículo, si todo ese cambio no deriva, en parte, o tiene relación, con la aproximación más visible que hace Bourdieu con los sectores más desprotegidos de la sociedad, también a partir de los años noventa del siglo pasado. Popeau y Discepolo (2005) mostraron como hubo una crítica a Bourdieu en el final del siglo pasado, desde ciertos sectores, en el sentido del mismo haber transitado de una sociología científica a una sociología comprometida y, por ende, menos rigurosa. Dicen los autores:

Las intervenciones de Pierre Bourdieu desde las huelgas y las manifestaciones masivas que sacudieron Francia en diciembre de 1995 han sido objeto de condenas, a menudo violentas, por parte de los periodistas y los intelectuales de los medios de comunicación cuyo poder había diseccionado sin piedad en sus obras sobre la televisión y el periodismo. Con frecuencia, Bourdieu fue acusado por los columnistas de los principales diarios de “llegar tarde” a la acción política y de abusar de su fama de investigador (Popeau y Discepolo, 2005, p. 81).

Estos autores van a hacer un recorrido por la obra de Bourdieu demostrando que “sus compromisos sociológicos con los problemas políticos se remontan a los comienzos de su vida intelectual en la década de 1960, durante la guerra de independencia de Argelia” (pp. 81-82).

Así, los autores plantean una hipótesis fuertemente documentada que apunta que la relación y preocupación de Bourdieu, con los sectores dominados, data de sus

primeros trabajos etnológicos en Argelia y se observa en varios momentos de su trayectoria intelectual. A su vez, al modo de la relación entre cientificismo vs reflexividad, Bourdieu, citado por los autores mencionados, nos hablaba de una nueva dicotomía que había permanecido entre utopismo y sociologismo, que según él precisaba ser superada. En otro autoexamen, Bourdieu nos dice que ha habido en las ciencias sociales:

(...) una autocensura que constituye una verdadera automutilación, los sociólogos – yo el primero - que muchas veces hemos rechazado cualquier intento de proponer una representación ideal y global del mundo social al considerarlo como un defecto de la ética científica que puede desacreditar a sus autores (Bourdieu *apud* Popeau y Discepolo, 2005, p. 82).

Cabe resaltar que esa relación de Bourdieu con los sectores dominados o su preocupación con el bienestar social (a pesar de existir de larga data) se hace más visible y pública a partir de los años 1990, cuando ingresa definitivamente en el debate público sobre el neoliberalismo (Bourdieu, . En ese sentido, es justamente en la misma época que se registra una profundización de una reflexión epistemológica y metodológica, como vimos especialmente en “La miseria del mundo”, que expresa una inquietación con la dominación simbólica que el sociólogo puede ejercer como investigador con sectores que no suelen tener voz. Allí, a nuestro modo de ver, se expresa una sensibilidad que está lejos de situar a Bourdieu como un sociólogo de los dominados, pero que sin embargo ve en esos sectores la posibilidad de visualizar un conocimiento, que ya no sea definido como “falta de ciencia (lo infuso)”, sino que por el contrario adquiera otro estatus epistemológico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Capítulo: Compreender. Petropolis: Vozes, 2012. pp. 693-732.

BOURDIEU, Pierre. **Cuestiones de sociología**. Madrid: Akal, 2008a.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. Conversación: El oficio de sociólogo. In: BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores. 2014a. pp. 39-57.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. La sociología como socioanálisis. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina. 2008b. p. 9-108.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBORDERON, Jean-Claude.; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008c.

BOURDIEU, Pierre. Profesión: científico. In: BOURDIEU, Pierre. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores. 2014b. pp. 59-66.

DOMINGUES, Ivan (2004). **Epistemologia das ciências humanas. Tomo I: Positivismo e hermenêutica**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

DURKHEIM, Emílie. **Las reglas del método sociológico**. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1987.

GARFINKEL, Harold, **Estudios en etnometodología**. Barcelona: Anthropos, 2006

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Las nuevas reglas del método sociológico**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

GINGRAS, Yves. Reflexividad y sociología del conocimiento científico. In: **Pierre Bourdieu sociólogo**. CHAMPAGNE et al (Orgs). Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

GOULDNER, Alvin. **La crisis de la sociología occidental**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MILLS, Wrigth **A imaginação sociológica**. Capítulo 1. A promessa. pp. 9-32. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PAUGAM, Serge. A reflexividade do sociólogo. In: PAUGAM, Serge (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2007. pp. 355-358.

POPEAU, Franck; DISCEPOLO, Thierry. Investigación y compromiso. La dimensión política de la sociología de Pierre Bourdieu. In: WACQUANT, Loic (Coord.). **El misterio del ministerio: Pierre Bourdieu y la política democrática**. Barcelona: Editorial Gedisa. 2005. pp. 81-109.

WACQUANT, Loic. Hacia una praxeología social: la estructura y la lógica de la sociología de Bourdieu. In: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina. 2008. p. 21-90.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

M

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

P

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

R

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

S

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

V

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Contribuições das

CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

- 
-  www.atenaeditora.com.br
 -  contato@atenaeditora.com.br
 -  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 -  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022